



DOIS DEDOS DE PROSA

Nº 11 - RECIFE - JUNHO DE 1994



MARCOS FIGUEIREDO

AGRICULTORES CONHECEM NOVAS PROPOSTAS PARA A VIDA RURAL

(Pág. 4 e 5)

ADIVINHA...
O QUE O GOVERNO
E O BANCO MUNDIAL
INVENTARAM NO LUGAR
DO PAPP!



PACeFUMAC: Os substitutos do PAPP cortam ainda mais os recursos do governo federal para os pequenos produtores

Leia página 7.

COMISSÃO DE AGRICULTURA: Uma idéia que criou raízes e já deu os primeiros frutos em Bom Jardim/PE

(pág. 6)

Agricultor da Mata Norte de Pernambuco aumenta produção de mel usando colméia de lata.

(pág. 3)

EDITORIAL

BRASIL OFERECE PÉSSIMAS CONDIÇÕES DE VIDA

Informações recentes da ONU - Organização das Nações Unidas, sobre as condições de vida da população de 173 países, revelam que o Brasil ocupa o 63º lugar, enquanto sua economia desponta entre os dez países mais ricos do mundo. Na verdade, essa colocação apenas confirma o contraditório Brasil que conhecemos: de um lado, a crescente miséria para dezenas de milhares de brasileiros; de outro, a crescente concentração de riqueza para uma minoria poderosa.

Ser o 63º lugar nessa pesquisa, enquanto países de economia mais modestas estão entre as 20 primeiras nações em condições de vida, é sinal de que há muito tempo os governos e elites brasileiras nada fazem para mudar esse quadro social e econômico que marginaliza e exclui a maioria.

Um exemplo disso é a falta de políticas governamentais voltadas para o crescimento da pequena produção rural, que tem a capacidade de absorver mão-de-obra e abastecer o mercado interno de alimentos. Enquanto isso, vemos o governo federal dispor de dois bilhões e 200 milhões de dólares para desviar águas do Rio São Francisco, a fim de beneficiar grandes exportadores e construtoras.

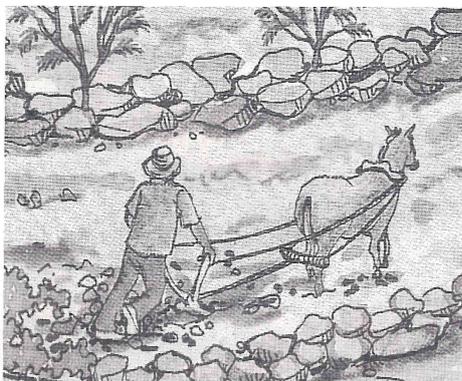
Mas, 1994 não será marcado apenas pelo descaso do governo. Também marcará nossas vidas a boa chuva que vem ajudando os agricultores a produzir. Assim como marcará o Movimento Ação da Cidadania Contra a Fome, que agora bota na rua a luta pelo emprego. E ainda teremos em outubro próximo a oportunidade de votar para deputados estaduais e federais, senadores, governadores e Presidente da República.

Em um ano de chuva como esse, preparamos a terra para uma boa colheita. Em movimentos contra a fome e por emprego fortalecemos a organização do povo. E nas eleições podemos votar em candidatos comprometidos com um presente e um futuro melhor para o Brasil. Tudo isso são boas sementes. Ainda temos alguns meses de 1994 para semear bem na terra, na organização da sociedade e na política desse país. Vamos ser bos semeadores!

Cartas



Registramos aqui as cartas recebidas pela redação do DOIS DEDOS DE PROSA. Todas foram respondidas antes da impressão deste número do informativo. Ficamos à disposição para outras solicitações.



Prezados Amigos,

Acabo de receber 3 exemplares do "Calendário 1994 - Agroflorestação". São muito bonitos e trazem ótimas informações. Vou colocar um no escritório diocesano, outro no Centro de Treinamento da Diocese, em Carnaíba. O 3º exemplar já dei ao Instituto Regional da Pequena Agropecuária Apropriada. A vocês do Centro Sabiá desejo um ano com muito êxito nos trabalhos agroecológicos!

D. José Rodrigues de Souza - C.SS.R.
Bispo de Juazeiro - BA

Centro Sabiá,

Li no Jornal do Commercio sobre a inauguração do Centro Sabiá. Fiquei contente com esse acontecimento e mais ainda quando vi defesa do homem e da natureza. Há mais de 27 anos trabalho nesse sentido. É um trabalho silencioso. Este ano recebi um calendário e fiz um trabalho com ele. Consegui um 2º e farei o mesmo numa outra comunidade. Gostaria de receber alguns calendários para continuar esse trabalho. Também me disponho a colaborar nos objetivos de vocês do Centro.

Pe. M. de Carvalho
Serra Talhada/PE

ERRAMOS

No DOIS DEDOS DE PROSA nº 10 cometemos um engano na página 6. Na foto acima vemos o "Seu" *Benedito* e não Bernardo, como foi publicado. Aí vão as nossas desculpas e o nosso abraço para o amigo agricultor.

Prezados Companheiros,

Lemos o nº 10 do "Dois Dedos de Prosa" e achamos da maior importância para o nosso trabalho. Solicitamos o envio de números anteriores e a nossa inclusão para recebimentos futuros. Gostaríamos também de receber o calendário 1994 e outras publicações já editadas "do Centro ao Sabiá". Com o interesse em manter intercâmbio, solicitamos o envio dos endereços das 25 entidades ligadas à Rede PTA.

Felinto da Costa
Centro de Educação Popular - Cuiabá/MT

Prezados Companheiros,

Solicitamos que nos enviem regularmente o jornal informativo publicado pela vossa entidade.

José Campos
Cooperativa de Produção Agropecuária União Ltda.
Assentamento Conquista da Fronteira
Ilha Negra - RS

A edição nº 69 da Manchete Rural publicou a reportagem "Como combater piolhos nas cabras usando remédios caseiros". Tenho grande interesse em adquirir a coleção.

Aproveito para indagar do que dispõe este centro sobre caprino/ovino cultura, uma vez que desejo ampliar minha criação e dispor de uma boa biblioteca sobre o assunto.

Antonio Nicodemus
Fortaleza - CE



DOIS DEDOS DE
PROSA

Informativo nº 11 - maio 1994

Centro de Desenvolvimento
Agroecológico Sabiá.
Rua Esperanto, 479 - Ilha do Leite
CEP 50070-390 - Recife/PE
Telefax (081) 221.1338

Equipe: Avaniildo, Flávio, Joseilton,
Kurt, Marcos e Vanderlúcia.

Edição e Redação:

Vanderlúcia Silva (RG 1.583
DRT/PE) e Paula Albuquerque.

Colaboração: Flávio Duarte.

Ilustrações: Domingos Sávio.

Diagramação, Ilustração e Arte:

Giorgio Verdi.

Circulação: Marleide.

Apoio: ICCO e SACTES.

COLMÉIA DE LATA

UMA EXPERIÊNCIA QUE DÁ CERTO

Colaboração de Joseilton Souza

Há vários anos o Centro Sabiá e outras entidades de apoio vêm trabalhando com apicultura. Muitos agricultores estão fazendo o mesmo. Conheça a experiência de um agricultor que utilizou com sucesso um novo tipo de colméia, feita de lata.

Em 1992, Jones Pereira, um agricultor do município de Abreu e Lima, Estado de Pernambuco, participou de um encontro entre técnicos e agricultores que trabalham com criação de abelhas.

Nesta mesma época, Jones conheceu uma experiência com **colméias de lata**. Foi numa visita que fez ao PATAC e ao SEAPAS, duas entidades de apoio aos pequenos produtores rurais da Paraíba. Após o

encontro sobre abelhas e essas visitas, Jones decidiu fazer ele mesmo uma colméia de lata no seu sítio.

Depois que a colméia foi povoada pelas abelhas, Jones passou a observá-la. Ele fez isso durante quatro meses, até o momento da produção de mel. Neste tempo Jones foi ajudado por Joseilton Souza, técnico agrícola do Centro Sabiá. Juntos, eles puderam ver como a colméia de lata traz vantagens para o bolso do agricultor.

Numa colméia de madeira gastamos o equivalente a **seis litros** de mel para a construção de uma colméia completa. Na colméia de lata bastam **um litro e meio** de mel (ou até menos). Uma outra vantagem da colméia de lata é que ela é muito resistente e simples de ser feita. "Com apenas quatro latas, oito metros de ripa e alguns pregos, qualquer pessoa pode fazer a colméia, basta ser um bom observador". É o que diz Natanael, um apicultor de Caetés, Abreu e Lima-PE.

Uma outra vantagem das colméias de lata é facilitar a **padronização**. Um apicultor que possui colméias de tamanhos diferentes pode ter problemas na produção de mel. Jones se lembra bem quando começou a fazer um teste, ficando de olho nas abelhas rainhas do apiário. Ele queria descobrir quais eram as melhores para usá-las na produção de novas rainhas. Se as colméias não fossem de latas do mesmo tamanho não daria para fazer isso. Pois, continua Jones, precisamos ficar trocando os quadros de uma colméia para outra e com quadros de tamanhos diferentes isso não é possível.

Na parte de produção, a colméia de lata dá resultados ainda mais positivos para o pequeno produtor. Comprovamos isso na experiência de Jones. Na primeira coleta ele retirou treze litros de mel. A produção atual de mel está na média dos **nove litros** por caixa. Nas colméias de madeira a produção de mel costuma ficar em apenas **seis litros**. Isso sem falar que a colméia de lata facilita bastante o desenvolvimento da colônia de abelhas, por causa de seu grande espaço.

Atualmente os grupos de apicultores da Mata Norte de Pernambuco têm grande interesse em adotar a colméia de lata. Eles repararam que os materiais de construção são baratos, a própria construção é fácil e as abelhas logo se ajustam nesse tipo de colméia.

Apicultores da comunidade de Paquevira, no município de Bom Jardim-PE, já estão montando uma estrutura de dez colméias de lata. Se você também tem interesse ou conhece alguém interessado, escreva para o Centro Sabiá ou para as outras entidades de apoio citadas nesta matéria.

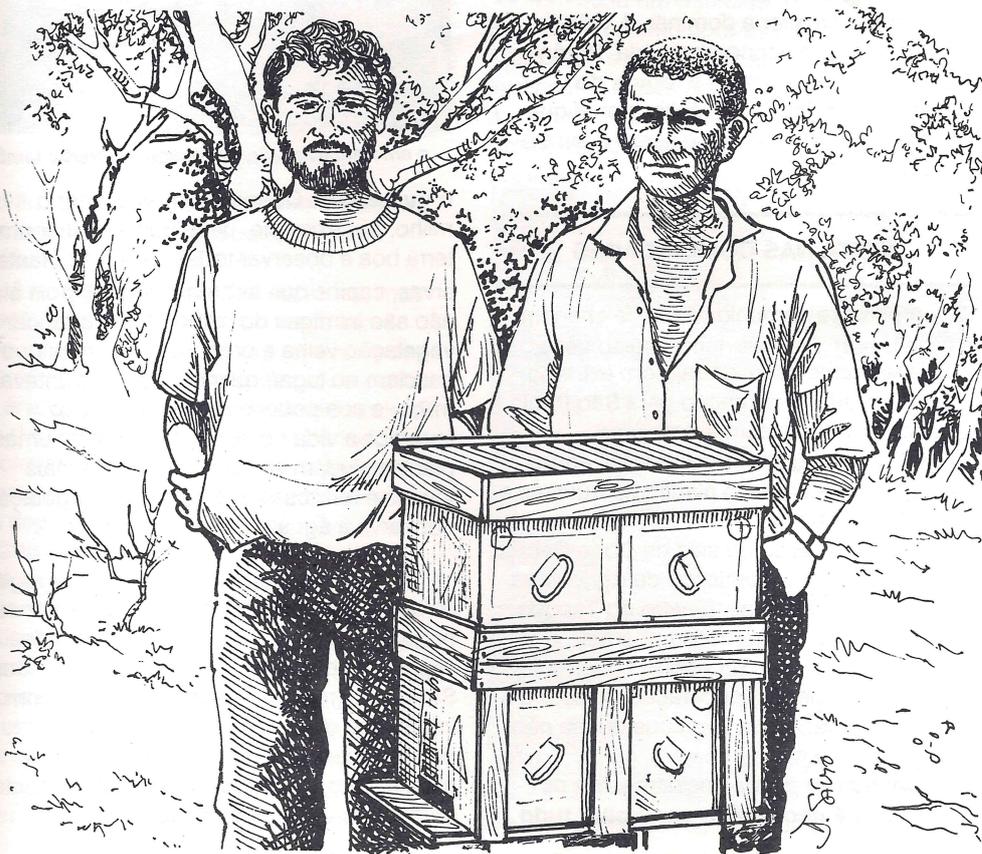
No próximo número do DOIS DEDOS DE PROSA vamos ver como Jones Pereira e Joseilton Sousa fizeram melhorias na própria colméia de lata, criando a colméia horizontal.

Endereços:

Centro Sabiá
Rua Esperanto, 479
Ilha do Leite
50070-390 - Recife/PE
Telefax: (081) 221.1338

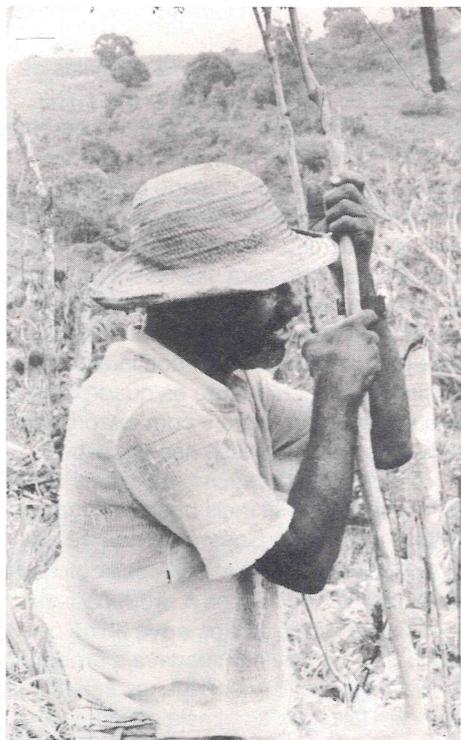
PATAC
Cx. Postal, 641
58109-783 - Campina Grande/PB
Tel.: (083) 333.1240
Fax: (083) 322.8068

SEAPAS
Av. Min. José Américo, 206
58884-000 - Catolé do Rocha/PB



CONTRIBUIR NO PLANETA, E

Aumentar a qualidade de vida do planeta Terra é o grande objetivo do agricultor Ernst Goetsch trouxe aos agricultores de sua visita em maio passado.



Em Pindobinha, Sr. Antônio fica atento...

No período de 2 a 4 de maio último, o trabalhador rural Ernst Goetsch esteve em Bom Jardim/PE, a convite do Centro Sabiá. Ele nasceu na Suíça, mas desde 1986 mora e trabalha em Piraf do Norte, no interior da Bahia, onde desenvolve uma agricultura agroecológica. Ernest, junto com a equipe do Sabiá e do STR de Bom Jardim, visitou as comunidades de Umari, Paquevira e Pindobinha, transmitindo seus conhecimentos práticos em agroflorestação.

"O meu trabalho é uma tentativa de harmonizar minhas atividades com a vida do planeta. Andar com o barco adequado em cada água, ou seja, não usar um grande navio num córrego nem uma canoa para atravessar o mar" - é assim que ele resume a sua prática agroecológica.

Cada ecossistema de um lugar representa a vida no seu ponto ótimo, quer dizer com saúde, harmonia e equilíbrio ecológico. Portanto, nossas ações devem ajudar a preservar essa vida, daí temos que ter uma preocupação com aquilo que está ameaçando, pondo em risco a vida (o fator limitante). No caso de Bom Jardim, por exemplo, vimos que o fator limitante naquele momento era a água, por causa do desmatamento. É a mata quem traz a chuva, então devemos cuidar da vegetação porque ela vai trazer a chuva. É importante que a gente se pergunte a toda hora: essa atividade que vou fazer agora vai aumentar ou diminuir a vida?

DINÂMICA DA SUCESSÃO

Para aumentar a vida a natureza escolheu um caminho, é a **sucessão das espécies**, que vem desde a sua origem em cada ecossistema do planeta. Dentro dessa sucessão tem uma lei que faz com que uma espécie seja criadora de outra e assim por diante. Cada ser vivo é criador do próximo, inclusive o ser humano. Toda espécie começa a crescer lentamente, depois tem uma fase de crescimento ligeiro, amadurece e morre.

Os seres têm um lugar natural onde eles surgem e o momento onde chegam a dominar outros seres, no sentido de contribuir para a continuidade da vida. Daí a importância do agricultor observar bem a sua terra, para ver como cada espécie vai se harmonizar, crescer e dominar. A vida é organizada para economizar vida. Porém, hoje vivemos muito mais a **lógica do desastre**. Tem muito agricultor por aí que pensa que só enriquece se sugar a terra o mais que pode.

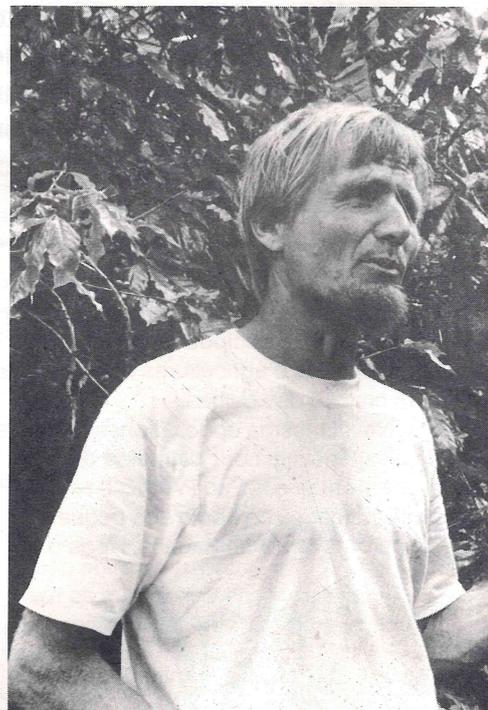
VISITA NAS COMUNIDADES

A primeira comunidade onde chegamos é a de **Umari**. Ela vive numa região seca, completamente desmatada, com extremo minifúndio e forte migração para São Paulo. Lá encontramos o começo de uma experiência de aproveitamento das águas usadas na casa, para o plantio de fruteiras e verduras no quintal.

O dia começou no sítio de Dona Cecília, com membros da Comissão de Agricultura de Umari, Icó, Aroeiras, Riacho do Tanque, Cipoais e Altos. Visitamos também a propriedade do seu Geraldo.

Como iniciar a recuperação do solo e a agroflorestação numa zona que quase não tem vegetação nativa?

Um dos primeiros ensinamentos de Ernst é que **é necessário aproveitar tudo**



... e em Paquevira, Sr. Sebastião (à direita) também

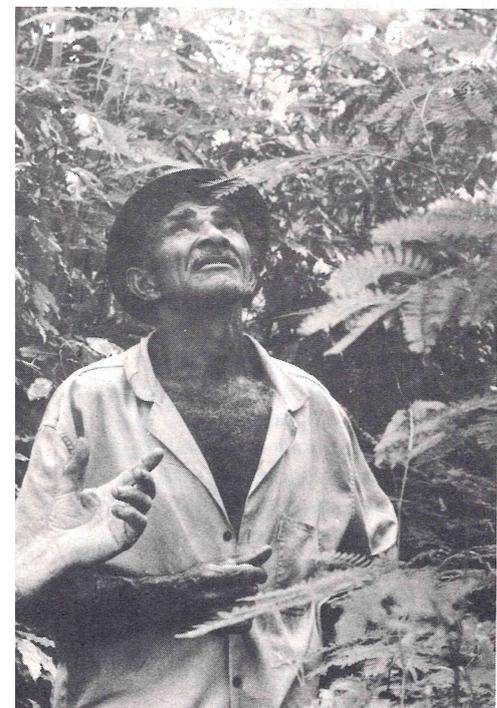
o que existe. Quando vamos plantar o milho, por exemplo, devemos escolher uma terra boa e observar todas as outras plantas, ervas, capins que existem no local, pois elas não são inimigas do milho. Basta arrancar a vegetação velha e procurar as plantas que nasciam no lugar, quando não se plantava o milho, e aos poucos replantá-las. Isso favorece a vida no ecossistema, pois umas plantas ajudam as outras a ficarem mais jovens e formosas. Além disso, a vegetação conserva a água no solo.

Paquevira é uma comunidade na região do brejo, com uma base agrícola mais forte e propriedades um pouco maiores. Lá nós vimos o trabalho do mutirão no sítio do Seu Sebastião (roçado e viveiro florestal), com integração dos subsistemas roçado, bananal, capoeira melhorada, criação animal, pequena irrigação e beneficiamento da banana. Além dos agricultores do

COM A VIDA IS A QUESTÃO

le ensinamento que
om Jardim, durante

Gerson Flávio



Marcos Figueiredo

erva as explicações de Ernst (esquerda).

mutirão, estavam com a gente membros da Comissão de Agricultura de Camará e Feijão.

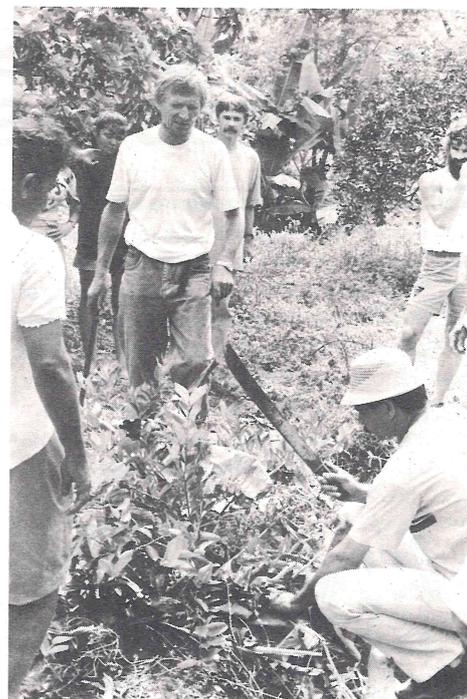
A bananeira veio do Sul da África, mas cresce nas matas siliars ou nos lugares onde o vento é forte e quebra as copas das árvores. Isto mostra a importância da poda nas árvores grandes. A poda só pode ser feita depois da colheita, que é o período de descanso das matas. No caso da leucena, que a gente aproveita as folhas, deve ser feita depois da floresta. O capim deve ser cortado depois da floração.

No terceiro dia, fomos a **Pindobinha** - comunidade do brejo, parecida com Paquevira, só que em vez da banana domina abacaxi como principal cultura comercial. Lá encontramos uma experiência muito interessante e ousada do Seu Antônio, que a partir do programa de capacitação da Comissão de Agricultura de Pindobinha, Espera e Pedra Fina, começou a implantar

um sistema agroflorestal numa área de capoeira.

Quando avistou o plantio de abacaxi de Seu Antônio, Ernst lembrou-se muito do seu roçado há sete anos atrás. Ele contou sua experiência de ter plantado o abacaxi, num local parecido, colocando gravetos, palhas e folhas (material orgânico) e plantando capim elefante ou papoula, tudo atravessado. Além de reter a água das chuvas, não deixando que ela escorra ladeira abaixo, torna possível fazer a capina manual. No mesmo terreno plantou feijão e milho, e junto de cada abacaxi plantou uma semente de uma espécie de árvore, pois o abacaxi é criador de árvores. Na terceira safra, as árvores já estavam altas. Ernst aconselhou Seu Antonio a plantar banana e capim elefante na mesma área. O capim elefante fixa o nitrogênio.

Em cada um dos dias de andança por Bom Jardim, junto com as Comissões de Agricultura e com o Sindicato realizamos avaliações. O que se ouviu, principalmente dos agricultores, foram considerações à simplicidade, disposição e importância das



Marcos Figueiredo

Orlando (agachado) pratica orientação de Ernst para evitar o capim crescer no pé da planta.

coisas que foram colocadas por Ernst. Neste artigo só pudemos retratar um pedacinho desta rica experiência. O Centro Sabiá está preparando um relato onde pretende resgatar seus ensinamentos sobre agroflorestação na visita a Bom Jardim.

Vamos aguardar mais um pouquinho, com água na boca, para conhecer mais sobre a experiência desse "estranho", inquieto e provocante trabalhador que motiva-nos a contribuir para que haja mais vida em nosso planeta.



Marcos Figueiredo

Em Umari, Ernst dá sugestões ao Sr. Geraldo para melhorar sua propriedade.

COMISSÃO DE BOM JARDIM PRODUZ SEUS PRIMEIROS FRUTOS

Kurt Habermeier



O Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Bom Jardim formou uma Comissão de Agricultura que vem funcionando há seis meses. A idéia dessa comissão surgiu há mais de dois anos, com o trabalho conjunto do Sindicato e o Centro Sabiá. Essa cooperação começou com um diagnóstico da pequena produção em Bom Jardim, realizado nas comunidades de Paquevira, Umari e Altos. Essa pesquisa permitiu compreender melhor os principais problemas dos trabalhadores rurais e ajudou a elaborar um plano de ação para 1993.

O intercâmbio com outros sindicatos rurais do Nordeste também influenciou para a criação da Comissão de Agricultura. Uma viagem a Triunfo-PE, em março de 1993, permitiu conhecer a experiência da "Equipe de Agricultura", animada pela agrônoma do STR de Triunfo e Santa Cruz da Baixa Verde. E numa segunda visita, no mês seguinte, ao STR de Tauá-CE, quatro lideranças sindicais de Bom Jardim tiveram a oportunidade de conhecer a "Comissão de Tecnologias Alternativas" daquele sindicato, com uma história de cinco anos de atuação.

Os diretores do STR de Bom Jardim

fizeram reuniões nas comunidades para que os agricultores escolhessem os seus representantes na Comissão de Agricultura. No mês de novembro/93, pela primeira vez, a Comissão completa se reuniu para um seminário de dois dias, no Centro Social da Fetape, em Carpina. Participaram 24 agricultores e agricultoras de 15 comunidades das três regiões (brejo, agreste e parte central). Dos presentes, 10 eram mulheres e 14 homens, com idade média de 39 anos.

A maioria dos participantes identificou como principal problema da sua produção a "terra fraca". Disto, surgiu a idéia de fazermos um programa de conservação e melhoramento do solo, usando sete práticas simples: não queimar, enleirar o mato em nível, plantar atravessado cortando as águas, plantar faixas de retenção, manter o solo coberto, utilizar esterco e outros adubos orgânicos e finalmente, plantar e manejar árvores para segurar o solo e adubar a terra.

Com base neste programa, a Comissão planejou atividades que coincidiram com a época de preparo do solo para o plantio. Assim, entre dezembro/93 e março/94, a

Comissão visitou quatro comunidades, realizando um encontro de dois dias em cada um deles, e fazendo um treinamento animado pelos técnicos do Centro Sabiá.

O primeiro treinamento, em Espera, falou da importância da vida no solo. O segundo, em Umari, introduziu o papel das plantas e árvores para recuperar e manter a fertilidade do solo. O terceiro, em Paquevira, ensinou o manejo da vegetação, através da poda e da introdução de mais árvores. O quarto treinamento, em Pindobinha, resumiu a importância das árvores para combater a erosão, adubar a terra e reter a umidade no solo; para se obter lenha, madeira, ração animal e alimentação para a família; para aumentar a renda do agricultor e distribuir melhor o trabalho ao longo do ano.

No período destes treinamentos, o Sindicato de Bom Jardim publicou um cartaz contra a queimada, amplamente difundido pela Comissão de Agricultura. Pregado em salões comunitários, escolas, postos de saúde, vendas e casas particulares, esse cartaz visou provocar a reflexão e a discussão entre os agricultores.

Para os meses de abril e julho deste ano, época de plantio das principais lavouras, a Comissão programou encontros mensais de um dia, em mais quatro comunidades do município. A experimentação do novo jeito de plantar pelos membros da Comissão tem sido acompanhada por diretores do Sindicato e pelos técnicos do Centro Sabiá. Além disso, a Comissão com o Sabiá organiza dias de campo, que são práticas onde se envolve mais agricultores das comunidades no programa de conservação e melhoramento do solo.

Embora a experiência da Comissão de Agricultura do STR de Bom Jardim seja muito recente, já se pode fazer um balanço positivo. Existe no município um corpo de agricultores e agricultores sensibilizados e com novos conhecimentos, que formam uma rede municipal de intercâmbio. São pessoas engajadas num processo de experimentação prática e iniciando a difusão para outros agricultores. É o início da construção coletiva, entre agricultores, lideranças sindicais e técnicos do Centro Sabiá, de um sistema de produção economicamente viável e ecologicamente sustentável naquele município.

PAC/FUMAC: GOVERNO E BANCO MUNDIAL DE COSTAS PARA O PEQUENO PRODUTOR

Marcos Figueiredo

Em março do ano passado, o Governo Brasileiro, junto com o Banco Mundial, deu fim ao Programa de Apoio ao Pequeno Produtor do Nordeste - PAPP. Para substituí-lo, foram criados o Programa de Apoio Comunitário e o Fundo Municipal de Apoio Comunitário, mais conhecidos como PAC/FUMAC.

Para chegar a esses novos programas, os técnicos do governo fizeram muitas avaliações, reuniões e estudos. Visitaram até outros países, tentando conhecer como o Banco Mundial fazia o trabalho por outros cantos. Com todo esse estudo para modificar o PAPP e criar os "novos programas" o governo não poupou dinheiro, muito pelo contrário.

No mês de setembro o PAC/FUMAC foi implantado no Nordeste. O Movimento Sindical e as entidades de apoio aos trabalhadores logo perceberam que os programas representavam um "atraso", se comparados com o PAPP.

O primeiro ponto negativo está no jeito como foi criado o PAC/FUMAC. Desta criação só participaram técnicos do Banco Mundial e técnicos dos governos estaduais e federal. Ninguém considerou a experiência dos trabalhadores e das várias entidades de apoio no aspecto prático do funcionamento mesmo do PAPP. Nem a mobilização do Movimento Sindical para conseguir participar do debate adiantou. Mais uma vez notamos a diferença entre o discurso e a prática dos governantes. Uma hora o Banco Mundial e o Governo dizem que é importante a participação dos "beneficiários" dos programas, que são os trabalhadores. Em outra, negam essa participação.

Outro ponto que merece atenção é que o Programa de Apoio ao Pequeno Produtor (PAPP), como o próprio nome diz, era uma força para a pequena produção rural. Já o PAC/FUMAC foi feito para apoiar diversas atividades, como projetos para áreas urbanas, nos setores de educação, saúde e até construção de cemitérios! Num país como o Brasil, onde não existe política de apoio ao pequeno produtor, esta dispersão de



verbas com outras atividades representa uma grande perda para os agricultores.

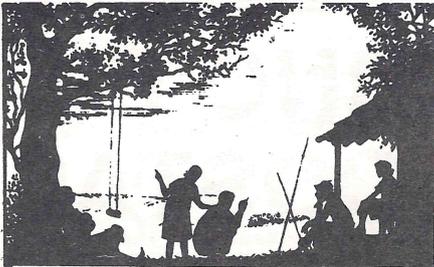
Outra preocupação é a maneira como está organizado o PAC/FUMAC. O PAPP era montado em uma região, com comissões, onde participavam representantes dos trabalhadores. Hoje, com a organização **estadual** dos novos programas isso não será mais possível. Além disso, cada governador pode conduzir o PAC/FUMAC como achar mais conveniente. Isso significa que aumentou bastante o risco desses programas servirem como verbas para campanhas eleitorais.

Todos estes problemas que existem no PAC/FUMAC eram conhecidos pelo Banco Mundial e pelo Governo Brasileiro antes mesmo das modificações do PAPP. Apesar do Movimento Sindical e das entidades de apoio terem se mobilizado, divulgando inclusive documentos na imprensa, o governo federal preferiu resolver tudo

isoladamente, entre quatro paredes.

Passados nove meses de funcionamento do PAC/FUMAC, percebemos que a divulgação dos programas feita pelo governo foi fraquíssima, principalmente entre os trabalhadores. Só quem tem informação são os prefeitos, vereadores e algumas empresas de consultoria. Bem informados, políticos e empresários manipulam os programas dos municípios, de acordo com seus interesses. Muitas vezes chegam a desprezar até a ordem de entrada dos projetos do PRORURAL.

Por tudo isso, podemos já imaginar que esses programas não irão muito longe. Eles devem se arrastar por mais alguns meses e depois serem extintos. Representam "coisa sem futuro" para o pequeno produtor. Mais uma vez, a responsabilidade é dos governantes e também do Banco Mundial. Mas quem paga a conta é a sociedade. Resta saber: até quando?



Versos e prosas

O ANGICO



"O angico é um primo graúdo e bastante afastado do feijão". Também conhecido por acácia, arapiraca e paricá de cortum, o angico fornece ao sertanejo forragem para o gado, madeira, lenha, carvão de muito boa qualidade e até remédios para variados males.

O fruto do angico é uma vagem. Portanto, o angico está no grupo das árvores leguminosas. As árvores desse tipo ajudam a manter a água no solo. As sementes germinam em 8 ou 10 dias e na passagem das mudas para a terra o pegamento é quase 100% garantido. Mudas novas de angico são ótima forragem para cabras. Mas devemos ter cuidado com as folhas murchas, pois são nocivas ao gado jovem e adulto.

Uma grande vantagem do angico é crescer rápido. Aos 5 anos de idade, o angico fornece mourões de cerca. Aos 6 anos, a madeira serve como lenha ou no fabrico de carvão. Com 15 anos já se pode colher vigas para cumieira. Por ser uma árvore de madeira dura e resistente, o angico é bem valorizado no comércio.

A LUA E AS PLANTAÇÕES

A Lua sempre encantou, a Lua encanta qualquer pessoa, e desde pequena!

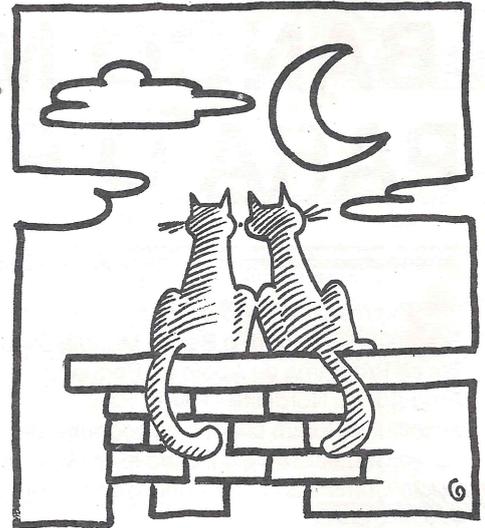
Quem nunca levou o neném para ver a Lua numa noite de muito choro ou de serão? Quem nunca namorou na companhia de uma bela Lua cheia?

É, a Lua desperta os poetas, ilumina os casais, é companheira das madrugadas... A Lua mexe com todo mundo, até com o plantio das lavouras!

Da lua minguante para a nova (dois ou três dias antes da nova), você deve semear aquelas plantas que a gente só come a raiz, como a cenoura, a cebola, o abacaxi, a macaxeira, o rabanete...

Das plantas que comemos as folhas, o plantio deve ser feito em cima da lua nova para o quarto crescente. Então couve-flor, alface e outros, você planta uns três dias depois da lua nova.

Outro grupo de plantas, daquelas que a gente come as sementes e as flores, esse você planta na lua cheia. O milho e a banana, por exemplo, é lua cheia. O feijão é todo tempo.



Esta é uma sabedoria dos agricultores, que eles obedecem e dá certo. Foi contada por Ernst, um agricultor da Bahia, num encontro com outros agricultores em Bom Jardim/PE (veja páginas 4 e 5 deste informativo).

Você sabia..?



... que para preparar uma grama de mel a abelha visita cerca de 10 mil flores?

Pára-choque traseiro



Se eu tiver de morrer de batida, prefiro que seja de limão.

ADIVINHAÇÕES

O que é que quanto maior menos se vê?

Por que o marido da viúva não pode casar com a cunhada?

De que se deve encher um barril para que ele pese menos?

- DE BURACOS

- PORQUE ELE JÁ MORREU

- A ESCURIDÃO